

SABOREANDO AS CEREJAS, DE LYGIA FAGUNDES TELLES, PARA UM AGUÇAR DOS DESEJOS NA SALA DE AULA

Airla Cássia Xavier SILVA – UEPB
cassia_airla@hotmail.com

Marcelo Medeiros da SILVA (orientador) – UEPB
marcelomedeiros_silva@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO

Considerando que estamos inseridos em uma sociedade que se assenta sob a égide da escrita, é preciso que saibamos nos valer da leitura e da escrita como ferramentas simbólicas e tecnológicas imprescindíveis à nossa atuação nas diversas práticas sociais que são desenvolvidas no interior de nossa sociedade. Nesse caso, a escola desenvolve um papel importante, já que ela precisa dotar os alunos de competências várias de forma que eles possam, conforme as exigências de cada situação discursiva, se valer das mais diversas práticas de leitura e de escrita. Entretanto,

No contexto da educação brasileira, o ensino de leitura e escrita dentro do espaço escolar vem se configurando, tradicionalmente, como o contato dos sujeitos aprendizes com um grande número de tarefas e atividades escolares para as quais não conseguem atribuir outro sentido que não seja o de obrigação para com a escola. A distribuição dos letramentos nesse tipo de ensino, no entanto, vem tornando improdutivas as atividades de leitura e escrita na escola do Brasil, pois elas comumente não consideram os usos reais da língua. Esse, portanto, vem sendo um problema crônico na educação linguística brasileira, o que suscita entre os pesquisadores um vigoroso debate sobre o fornecimento dos novos letramentos pela escola (ARAÚJO; DIEB, 2013, p. 245).

Dentre esses novos letramentos que a escola não pode se furtar de oferecer a seus alunos está o letramento literário, conforme delineado por Cosson (2006):

O letramento literário, conforme o concebemos, possui uma configuração especial. Pela própria condição de existência de escrita literária [...] o processo de letramento que se faz via textos literários compreende não apenas uma dimensão diferenciada do uso social da escrita, mas também, sobretudo, uma forma de assegurar seu efetivo domínio. Daí sua importância na escola, ou melhor, sua importância em qualquer processo de letramento, seja aquele oferecido pela escola, seja aquele que se encontra difuso na sociedade (COSSON, 2006, p. 12).

Considerando-se a relevância de no interior da escola serem desenvolvidas as mais diversas práticas de letramento e ensejando refletir sobre tais práticas a fim de verificar até que ponto elas contribuem para a formação de leitores efetivos do

texto literário, desenvolvemos, sob as orientações de dois professores vinculados ao curso de Letras do Centro de Ciências Humanas e Exatas (CCHE), campus VI da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), o projeto de extensão “Um encontro, um texto: uma proposta de letramento literário em escolas do cariri paraibano e do moxotó pernambucano”.

Das ações que foram desenvolvidas ao longo de um ano em uma turma de 2º ano do ensino médio, da rede pública de ensino de São Sebastião do Umbuzeiro-PB no período de maio a agosto de 2014, o presente artigo detém-se na apresentação do trabalho de leitura com o conto “As cerejas”, de Lygia Fagundes Telles, durante uma das ações da oficina intitulada de “Do primeiro beijo à descoberta do amor”, vinculada ao referido projeto. Esperamos que a nossa experiência fomente outras e, assim, possamos mostrar que, apesar dos discursos contrários, é possível, sim, desenvolver práticas de leitura por meio das quais os alunos percebam que saber e sabor não são pares antípodas e que eles precisam se fazer presentes nas atividades desenvolvidas no interior da escola de forma que o processo de ensino-aprendizagem se configure como aprazível e significativo para os alunos.

METODOLOGIA

Para a realização de nossas intervenções, realizamos a oficina “Do primeiro beijo à descoberta do amor”. Como dito na introdução, deter-nos-emos, aqui, apenas em um dos momentos dessa oficina no qual trabalhamos com os alunos o conto “As cerejas”, de Lygia Fagundes Telles. A nossa metodologia de trabalho de tal texto seguiu, sobretudo, as orientações de Cosson (2006) contidas na obra *Letramento literário: teoria e prática* na qual se orienta que o trabalho com o texto literário em sala de aula deve ser realizado por meio de determinados procedimentos: motivação, introdução, leitura e interpretação, os quais, por sua vez, exigem algumas estratégias didáticas, tais como: leitura silenciosa, leitura oral coletiva e individual, leitura dirigida pelo monitor e aplicação de determinadas atividades que visam auxiliar o aluno no processo de compreensão do texto literário.

Sendo assim, como atividade de motivação, iniciamos nosso encontro com a realização da dinâmica “Boca-de-forno”. Aproveitando a brincadeira do “seu rei mandou”, esta atividade elege um mestre, neste caso o monitor, para ordenar tarefas para os educandos executarem. O que não cumprir paga uma prenda.

Começa com um diálogo entre o mestre e os participantes dispostos em círculo. O mestre inicia e os participantes respondem sempre em uníssono.

- Boca-de-forno!
- Forno!
- Quando eu mandar!
- Vou!
- E se não for?
- Sofre.

Os comandos foram os seguintes: andem em círculos; digam palavras que comecem com a letra C; pulem o mais alto que puderem; cantem um trecho de alguma canção; busquem as imagens que estão coladas nas paredes dos corredores. Depois de trazerem as imagens, estas foram coladas no painel e quem as trouxe teve de explicar o que percebeu na imagem. Em seguida, ainda em círculo, iniciamos uma narrativa em que as imagens eram as motivadoras para tal e cada participante foi encadeando fatos a mesma ao passo do que é sugerido pelas gravuras. do painel na história. Logo após, considerando-se que o signo “cereja” permeia toda a narrativa que iríamos trabalhar com os alunos, entregamos a eles o poema “Cerejas?”, de Andréa Fênix, o qual foi lido por quatro estudantes. Pedimos que, durante a leitura, cada um dos alunos assumisse um tom de voz para sua leitura, diferente do que foi empregado pelos colegas.

Após a leitura feita pelos alunos, lemos o poema na íntegra, valorizando certas palavras, impostando a voz de tal forma que fosse valorizado certo tom necessário a uma leitura mais expressiva do texto. Afinal, como lembra Bosi, “Se o leitor conseguir dar, em voz alta, o tom justo ao poema, ele já terá feito uma boa interpretação, isto é, uma leitura ‘afinada’ com o espírito do texto” (2003, p. 465). Findada a (re)leitura, seguiu-se uma discussão sobre o que foi despertado e compreendido pelos alunos. Como o poema termina com os versos “Cerejas?; Sirva-se à vontade!”, levamos algumas cerejas para a sala de aula a fim de, terminada a leitura, elas fossem saboreadas de forma que aguçassemos ainda mais os desejos dos alunos e de modo que eles pudessem, por meio do sabor dessa fruta, descobrir a volúpia que ela empresta ao conto de Lygia Fagundes Telles. Por fim, estando já motivados para a leitura, os educandos iniciaram a leitura do conto e, no decorrer dela, foram tecendo comentários e levantando hipóteses.

Suspendemos a leitura, uma vez que já tinha se encerrado a hora do encontro naquele dia. No encontro seguinte, como o espaço que estávamos usando era o da biblioteca, organizamos as mesas existentes nela em círculo em torno do qual os alunos se sentaram. Em copos descartáveis pequenos, colocamos algumas cerejas e entregamos um copo a cada educando. Após saborearem estas cerejas, convidamo-los a irem às outras cerejas, as de Lygia Fagundes Telles. Como já iniciáramos a leitura, continuamos. Findada a leitura partimos para nossas discussões acerca do que nos foi sugerido pela poderosa capacidade sedutora da forma do narrar em “As cerejas”, os espantos, as decepções, o esperado, a reviravolta e o fim sugestivo deixada pela autora Lygia Fagundes Telles. Nos foi necessário, aqui, dialogar saberes e trazer à tona toda a riqueza de compreensão humana que a literatura possibilita por meio deste diálogo e perceber o quanto a literatura fala de nós e nos constrói. Assim, terminamos esta nossa experiência com um texto literário.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Durante o primeiro encontro, percebemos nos alunos muita ansiedade em relação ao que ia acontecer de fato neste encontro. Vale ressaltarmos quão significativa foi a reação dos educandos ao entrar na biblioteca, espaço até então pouco frequentado por ele. A forma escolhida para ministrar tais encontros deixava no rosto dos alunos surpresa e admiração por sentir tão de perto o comprometimento com o trabalho por parte da monitora e da professora regente da turma, o que, a nosso ver, os instigou a corresponder à altura o esforço empreendido por elas. No início do desenvolvimento do projeto, alguns participantes mostravam-se estranhos às propostas oferecidas, deixando transparecer que, para eles, no que tange à leitura, toda e qualquer atividade era chata e entediante.

A partir disto, percebemos como é importante para fisgar o leitor que todo trabalho que espere-se obter resultados satisfatórios requer planejamento, preparação e reformulações. Foi por meio desses procedimentos que, ao longo dos dez encontros em que se realizou a oficina, que aos poucos fomos colhendo os resultados que apontaram o quão foram significativas as nossas intervenções. A experiência que vem sendo neste artigo apresentada revelou-se valiosa para todas

as partes envolvidas e nos possibilitou verificar que muito dos participantes já saíram do plano da interpretação superficial.

No caso do conto, “As cerejas”, fomos conduzidos a ir além do que explicitamente a nós era colocado, nos transportando a uma maior sensibilização no tratar com o texto. Os alunos conseguiram desnudar os significados sugeridos pela narrativa. Com as intervenções e contribuições da monitora, eles enxergaram as cerejas não mais como uma fruta qualquer e, sim, tentadoras e condutoras do pecado. Com o fim do conto, a grande maioria ficou insatisfeito, pois ficaram surpresos com o fato de Marcelo ter morrido, fato este que confirmou o que antes havia sido refletido por uma aluna antes mesmo de chegarmos ao final da narrativa, isto é, que nem todas as histórias de amor terminam com um final feliz.

Os educando desenvolveram a capacidade de realizar inferências a respeito da narrativa, perceberam que as imagens sugeridas têm grande importância para aguçar os sentidos e desejos, que ler exige muito do leitor e que tudo isso pode acontecer de forma prazerosa e gratificante. O que acabamos de dizer é o que interpretamos das posturas e dos depoimentos que colhemos de alguns alunos, tais como:

“Eu achei bem diferente essas aulas porque ela é bem prática e a gente se identificou muito. Foi bastante interessante, aprendi muito num simples texto identificar muitas coisas”; “Gostei muito das aulas, foram muito boas. A monitora é uma ótima professora, tem uma explicação excelente. Depois que eu comecei a estudar com ela aprendi bastante. Não só me incentivou a ter o amor de ler, e sim, foi um incentivo para todos nós estudantes”.

“Achei bom. Queria que tivesse de novo, porque a pessoa aprende leitura. Os *negócio* do livro que ganhei foi bom. Ainda não li o livro todo”; “Foi bom né... Pelo menos a gente interagiu mais, saiu daquele calor que é a sala. Brincar como forma de estudar. Uma parte interessante foi quando cada um coloca seu papel no mural”.

Pelos depoimentos acima, é importante ressaltarmos que foram os próprios educandos que perceberam a prática da leitura como uma atividade prazerosa e enriquecedora, percepção essa até então desconhecida por eles nas práticas de leitura desenvolvidas no interior da escola.

CONCLUSÃO

A experiência no referido projeto se revelou significativa não só para nós como, sobretudo, para os alunos que dela participaram. Foi-nos possível comprovar

como o desenvolvimento da prática literária nas escolas pode fazer-se de modo prazeroso no que toca à formação de leitores, papel principal da escola da educação básica, a partir de uma perspectiva segundo a qual tentação, desejo e saber estão imbricados.

Como dito anteriormente, este é um recorte de todo um processo que não se encerra com as ações que desenvolvemos. Esperamos que os professores que permanecem na escola onde trabalhamos, uma vez tendo acompanhado todo o desenvolvimento de nossas ações, deem continuidade ao trabalho que iniciamos e, assim, possamos ver os alunos, dentre os vários papéis que lhes são exigidos, assumirem com competência mais um: o de sujeito leitor.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Júlio; DIEB, Messias. A web no letramento de crianças em língua materna. In: SHEPHERD, Tania G.; SALIÉS, Tânia G. (orgs.). *Linguística na Internet*. São Paulo: Contexto, 2013.

BOSI, Alfredo. A interpretação da obra literária. In: _____. *Céu, inferno: ensaios de crítica literária e ideológica*. 2.ed. São Paulo: Duas Cidades, Editora 34, 2003, p.461-479.

COSSON, Rildo. *Letramento literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2006.

MARIA, Amélia Dalvi. Literatura na escola: propostas didático-metodológicas. In: REZENDE, Neide Luzia de; JOVER-FALEIROS, Rita. (orgs.). *Leitura de literatura na escola*. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.

TELLES, Lygia Fagundes. *Oitos contos de amor*. São Paulo: Ática, 1998. pp. 24 – 31.